

# «**DIOGO-CAÃO**»

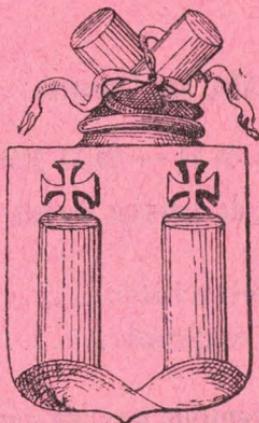
**Revista Ilustrada**

— de —

**Assúntos Históricos Angolanos**

(COM TÔDAS AS LICENÇAS NECESSÁRIAS)

— COLABORADORES — SELECCIONADOS —



— SUMÁRIO —

A morte do bispo de Angola-e-Congo dom Joaquim Maria Mascarenhas — O missionário e gramático frei Bernardo Cannecattim — Presídio e Paróquia de Novo-Redondo — O vigário-capitular Azevedo Galiano — *Relação do Reino-de-Congo* com o texto em italiano e a tradução em português, anotada — Cadornega — Boletim oficial — Os peixes do rio — Quanza — O alferes Sampaio — O dr. Bettencourt

TIRAGEM : 1.000 EXEMPLARES

LISBOA

== 1934 ==

# «DIOGO-CAÃO»

= CAIXA POSTAL 362 =

— LISBOA —

DIRECTOR, REDACTOR, ADMINISTRADOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO

**PADRE MANUEL RUELA POMBO**

Missionário aposentado de Angola e Aluno do Curso  
Superior de Bibliotecário-Arquivista

---

---

Vende-se em LUANDA, nas Livrarias :

**MINERVA**, na Travessa da Sé — Caixa postal 42.

**LUSITANA**, na Avenida de Salvador Correia — Caixa postal 291.

Preço do número avulso ..... 5,00

Pelo correio e registado..... 6,00

Também ali se encontram à venda números da I série

---

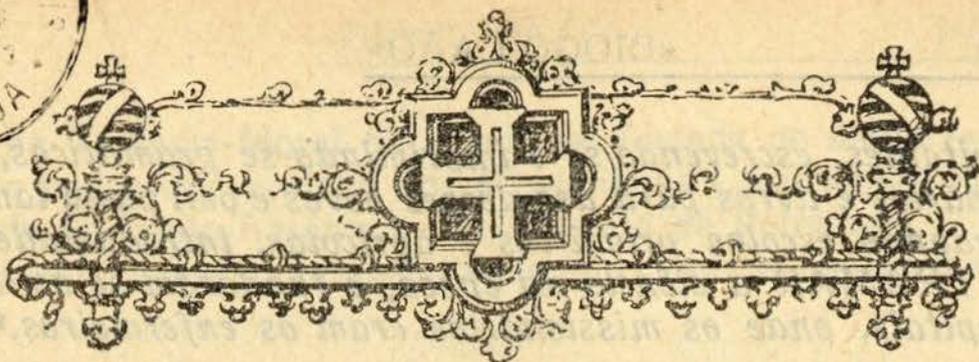
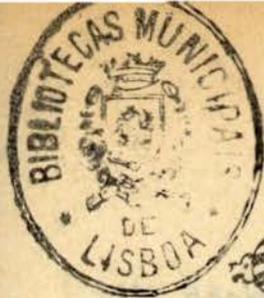
---

Vendem-se algumas colecções da I série :

Os 10 números em brochura..... 55\$00

Num volume cartonado ..... 60\$00

Número avulso da II série, em Lisboa .... 3\$50



# História Eclesiástica

---

— Felizmente, nos últimos anos, espíritos desempoeirados e livres têm tirado dos mesões e gavetas dos arquivos e bibliotecas, para serem publicações, livros, descrições de viagens e cartas que registam o avanço portentoso das missões portuguesas, levando consigo, através dos maiores riscos e das mais inóspitas paragens, a civilização europeia juntamente com os evangelhos e os princípios de caridade e da moral cristã.

*Nuno Queriol de Vasconcelos Pôrto.*

## Missionários & Missões



TEMOS AQUI, NOS NOSSOS apontamentos, se não muitas, algumas notícias relativas à vida religiosa da diocese de Angola-e-Congo: na nossa qualidade de padre ou missionário secular, que fomos, tais assúntos não podem deixar de nos interessar, e muito.

Consideramos ou estudamos a história religiosa de Angola apenas no seu aspecto ou parte externa.

— *«Estudaram-se as regiões, fixaram-se ao solo as populações nómadas, aprenderam-se as várias línguas dos*

*habitantes, escrevendo-se e imprimindo-se gramáticas, dicionários e livros para uso desses povos e pari passu iam-se fundando escolas primárias e agrícolas, introduzindo no ULTRAMAR a ciência da época, e fundaram-se asilos e hospitais, onde os missionários eram os enfermeiros.» —*

A acção civilizadora das missões católicas portuguesas é, pois, no Ultramar um facto histórico inegável e utilíssimo: náda mais fazemos do que recordar o tempo passado, algo adormecido ou esquecido.

Em missiologia, os Portugueses podem dar leis ao mundo...

LISBOA. Fev./1934.

*Padre POMBO.*

## **O bispo dom Joaquim Maria**

### **Mascarenhas**

No Livro número 1 de óbitos da Igreja da Sé-Velha de Luanda, à fôlha 97, encontra-se o seguinte assênto:

— «Aos 29 do mês de Novembro de 1807, nesta Freguesia da Sé, faleceu da vida presente o Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Bispo Diocesano Dom Joaquim Maria Mascarenhas, tendo recebido tam sòmente o sacramento da Extrema-Unção. Não fez Testamento. Seu corpo, revestido nas véstes sacerdotais, foi enterrado na mesma Freguesia dentro da capela do Santíssimo Sacramento, tendo de idade 58 anos, pouco mais ou menos, do que fiz êste assênto, que assino. — João Baptista da Silva.» —

Como já dissemos, o bispo d. Joaquim Maria Mascarenhas tem retráto a óleo na Galeria do Paço-Episcopal de Luanda.

## **Cadeira de Teologia-Moral**

O deão Leonardo José Vilela e Cónegos, por Provisão de 6 de Março de 1827, proveram a Cadeira de

Lente de Teologia-Moral da cidade de Luanda no muito reverendo padre vice-prefeito dos Missionários Capuchinhos do Hospício de Santo-António — frei Donato de Petremole.

Prestou o devido Juramento e tomou Posse no mesmo dia.

### Frei Bernardo Cannecattim

No Livro 16 do referido Arquivo da Câmara Eclesiástica de Luanda, à fôlha 3, vêrso, encontram-se os seguintes Documentos :

— «*REQUERIMENTO* — *Demissão que faz o padre Frei Bernardo Maria Cannecattim da Igreja do Bengo. — Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. : Diz Frei Bernardo Maria Cannecattim, missionário apostólico italiano, pároco da Missão do Bengo, que, tendo já êle suplicante 21 anos que serve esta Igreja do Bengo, tem padecido no decurso dêste tempo frequentes e repetidas moléstias pelo que se vê agora cansado, atenuado de fôrças e impossibilitado a continuar : Motivo que desiste e faz demissão desta Igreja pãra regressar na sua Pátria e gozar o seu descanso : Pelo que roga e pede à V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> de dignar-se aceitar esta sua demissão, pãra poder seguir a sua Viagem.*

*Pede à V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> dignar-se aceitar a demissão e dar a Licença que pede o Suplicante.»*

O bispo diocesano, que então era dom Luís de Brito Homem, e que tem retráto a óleo na Galeria do Paço-Episcopal, deu o seguinte :

— «*DESPÁCHO* — *Aceitamos a Demissão do Padre Suplicante por nos serem justas e notórias as causas que alega, e lhe concedemos Licença pãra seguir a sua Viagem, registando-se esta Súplica e Despácho nos Livros de Nossa Câmara. — Palácio Episcopal de Angola, 25 de Novembro de 1799. — Rúbrica de Sua Excelência Reverendíssima.»* —

Ainda voltaremos a tratar do missionário padre Cannecattim como escritor ou gramático da língua quimbúndica.

### **Novo-Redondo**

A onze de Fevereiro de 1801, o bispo dom Luís de Brito Homem passou duas Provisões: pãra os Moradores de Novo-Redondo reedificarem a Igreja de N.<sup>a</sup> Senhora da Conceição do mesmo Presídio — uma, e outra — pãra o pároco, padre José Joaquim Pereira Leal, a poder benzer, como também os paramentos e imagens.

Em documentos officiaes, tanto religiosos como civis, apparecem Nossa Senhora da Conceição e Santo-António, como padroeiros do Presídio e da Paróquia, ora juntos, ora singulares. — (Arquívio da Cãm. Eclesiástica de Luanda. — Livro 20, fls. 5, v., 6 e 13. — L. 12, fl. 171. — L. 27, fl. 11, v. — L. 28, fl. 19, v.).

### **O vigário-capitular Azevedo Galiano**

Quando em 1841 morreu o bispo-eleito d. Leonardo José Vilela, pelo cabido, a 25 ou 29 de Junho, foi eleito vigário-capitular o cônego magistral António de Azevedo Galiano, e confirmado pela Carta-Régia de 13 de Novembro. — (L.<sup>o</sup> 24 da Cãm. Ecl. de Luanda, às fls. 10 e 86, v.).

Por-entanto, não conhecemos o objecto da questão que o Cardeal-Saraiva, metropolitano, teve de resolver: talvez à eleição faltasse qualquer formalidade canónica.

O vigário-capitular e governador do Bispado Galiano falleceu a 13 de Abril de 1849 — (Igreja dos Remédios de Luanda. — Livro 5 de óbitos, à f. 243, v.).

A 23 de Abril, foi eleito pelo Cabido Vigário-Capitular o chantre José Manuel Gonçalves da Cúnha. — (L.<sup>o</sup> 24 do Arquívio da Cãm. Ecl., fl. 85).

RELAÇÃO  
DO  
REINO DE CONGO  
E DAS  
TERRAS CIRCUNVIZINHAS

«Ali o muy grande reyno està de Congo  
Por nòs ja conuertido á tee de Christo,  
Por onde o Zaire passa claro & longo  
Rio pellos antigos nunca visto.»

*Os Lusíadas, V, 13.*

«Olha la as alagoas, donde o Nilo  
Nace, que nam foberam os antigos.»

*Os Lusíadas, X, 95.*

Tirada em italiano dos escritos e discursos do Português

DUARTE LOPEZ

POR

FILIPPO PIGAFETTA

Em Roma de 1588 a 1589, e publicada em 1591

Agora retrovertida em português

PELA

LICENCIADA ROSA CAPEANS

LISBOA = 1934

RELAÇÃO



FRONTISPÍCIO DA «RELATIONE DEL REAMEDI CONGO»  
EM TAMANHO REDUZIDO

1934

## AO LEITOR

Esta versão portuguesa do livro de Duarte Lopez & Filippo Pigafetta é tradução um tanto literal do original italiano, publicado em Roma, em 1591, por deligências do Bispo de S. Marcos, Mons.<sup>or</sup> Antonio Migliore, e feita sobre o exemplar existente na Secção dos Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa, cota 495 (*preto*).

Procurámos seguir o texto fielmente, traduzindo palavra por palavra, sem omitir uma linha, uma página, uma folha, e não como outros tradutores o fizeram, que, ao esbarrarem com dificuldades (e tantas foram elas!), passaram àvante, saltando linhas, páginas e folhas, como se os autores lá tivessem escrito: *Graecum est, non legitur* (E' grego, não se lê).

¿E, como não ser tradução (ou melhor retroversão) algo literal, se é o próprio italiano Filippo Pigafetta quem nos informa que o português Duarte Lopez, na Eterna Roma, lhe dítava, lhe transmitia no seu falar nativo, e não plebeu, a Relação, que o dito Filippo Pigafetta da viva voz do explorador e viajante luso ia ao mesmo tempo trasladando no seu idioma italiano? <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> «Hor il Portoghese porgeua à me questa Relatione in suo idioma, & io dalla viua voce di lui nel medesimo tempo la trasportaua nel nostro: onde non è marauiglia, se tal'hor'occorre alcun senso nelle parole non cosi domestico al volgo degli scrittori della nostra lingua, percioche seguendo il suo dettare, que fu & interrotto & non popolesco, sono per auentura trascorso in qualche detto non cosi dalla Corte vsitato.»— Excerpto da dedicatória da *Relatione del Reame di Congo*, consagrada por Filippo Pigafetta a Mons.<sup>or</sup> Antonio Migliore, em Roma, a 7 de Agosto de 1591.

Mas... nem por se tratar, mais ou menos, de tradução à letra, vá o Leitor supor que nos foi por isso a tarefa muí fácil.

Não!

Porque, nem os conhecimentos da língua italiana, adquiridos durante a nossa estância em Itália, nem os inumeráveis dicionários que manuseámos, nos habilitaram a verter e a assimilar convenientemente o assunto tratado em época tão afastada de nós: Foi preciso compulsar dezenas de cartapácios coevos, crónicas e livros de viagens e descobrimentos dos Portugueses no período áureo dos séculos XV e XVI, para encontrarmos o termo fiel, o vocábulo justo, e transplantar do texto idéias, frases e pensamentos sem lhes deturpar ou alterar o verdadeiro sentido.

E, bem empregado labor, se com êle saldamos a dívida, que tem Portugal em aberto, há 343 anos, para com Duarte Lopez, «o nome mais representativo do nosso trabalho de exploração no século XVI em África»,<sup>2</sup> cuja obra, que tão mal conhecida ou quási ignorada é entre nós, só agora aparece vertida em Português, tendo sido editada:

Duas vezes em italiano: 1591 e 1728;  
 duas em holandês: 1596 e 1658, tradução de Martijn Everart B. ;  
 duas em inglês: 1597 tradução de Abraham Hartwell; e 1881, de Margarite Hutchinson;  
 duas em alemão: 1597 e 1609, tradução de Augustinus Cassiodorus;<sup>3</sup>  
 duas em latim: 1598 e 1624, tradução de Augustinus Cassiodorus Reinius;<sup>4</sup>  
 uma em francês: 1883, tradução de Léon Cahun.

<sup>2</sup> Manuel d'Oliveira Ramos, *Notas em apendice ao volume da «História da época dos descobrimentos» de Sophus Ruge*, in «História universal», de Guilherme Oncken, vol. XIII, pág. 507.

<sup>3</sup> Vide Margarite Hutchinson, *Bibliographical note upon the 16th-century editions of Pigafetta*, in «A report of the Kingdom of Congo, and the surrounding countries», London, 1881, pág. 147.

<sup>4</sup> As duas traduções, alemã e latina, constituem a primeira parte da famosa colecção «Petits Voyages» de De Bry.

Cabe aqui fazer justiça, declarando leal, franca e firmemente que a versão portuguesa nos foi lembrada e pedida, há quatro anos, com muita instância, pelo nosso Professor de Epigrafia na Faculdade de Letras de Lisboa, S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Manuel Heleno. Quanto ao critério que adoptámos: tradução literal, acompanhada do texto em italiano e de notas, isso é que é exclusivamente de nossa iniciativa e inteira responsabilidade pessoal — *Suum cuique* (O seu a seu dono).

Também estava no nosso plano de trabalho fazermos o estudo comparativo de todas as edições da obra de Duarte Lopez & Filippo Pigafetta; mas, infelizmente, os exemplares são de tal modo raros, que só conseguimos alcançar, até hoje, além da edição *princeps* de 1591, a latina de 1598,<sup>5</sup> a inglesa de 1881,<sup>6</sup> e a francesa de 1883,<sup>7</sup> das quais indicaremos, embora muito sumariamente, as omissões e variantes.

Ao concluir, devemos, e muito nos apraz, agradecer ao ilustrado Colega, no Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista, Rev.<sup>mo</sup> Padre Manuel Ruela Pombo, a desvanecedora oferta de publicar o nosso modestíssimo trabalho de retroversão na sua deleitável revista de assuntos histórico-angolanos «*Diogo Caão*».

R. C.

<sup>5</sup> Na Biblioteca Nacional de Lisboa.

<sup>6</sup> Exemplar obsequiosamente emprestado pelo S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Manuel Heleno.

<sup>7</sup> Na Biblioteca Nacional de Lisboa.

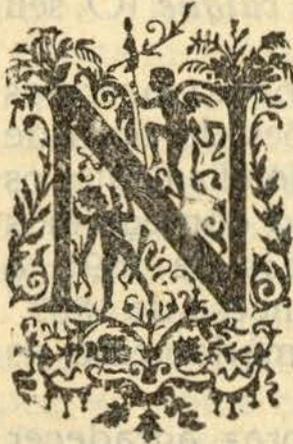
# Relação do REINO DE CONGO

REGIÃO DE ÁFRICA

Tirada por FILIPPO PIGAFETTA dos discursos  
do Senhor DUARTE LOPEZ, PORTUGUÊS

Navegação de Lisboa ao Reino de Congo

CAPITULO I



No ano de 1578, em que D. Sebastião, rei de Portugal, embarcou para a conquista do Reino de Marrocos, Duarte Lopez,<sup>1</sup> natural de Benavente, terra 24 milhas<sup>2</sup> distante de Lisboa, na margem austral do rio Tejo, navegou também no mês de Abril para o porto de Luanda,<sup>3</sup> sito no Reino de Congo,<sup>4</sup> em uma nau<sup>5</sup> chamada Santo António, pertencente a um seu tio, carregada de mercadorias diversas para aquele Reino;

## Relatione del REGNO DI CONGO,

REGIONE DELL'AFRICA,

Tratta per FILIPPO PIGAFETTA dalli regionamenti  
del Signor ODOARDO LOPEZ PORTOGHESE.

Navegatione da Lisbona al Regno di Congo. Cap. I.



L'ANNO MDLXXVIII. che s'imbarcò Don Sebastiano Re di Portogallo all'acquisto del Regno di Marocco, Odoardo Lopez natio di Beneuento, terra 24. miglia lōtana da Lisbona, presso la ripa Australe del fiume Tago, nauigò parimente il mese d'Aprile uerso il porto di Loanda, situato nel reame di Congo, sopra vna naue chiamata S. Antonio pertinente ad vn suo zio, carica di mercantie diuer-

<sup>1</sup> Respeitamos, de acôrdo com a boa tradição literária do século

e foi seguida por um patacho (que é um pequeno barco), ao qual deu continuamente boa conserva, prestando-lhe auxílio<sup>6</sup> e guiando-o com os lumes de noute, a fim de não esgarrar o caminho que ela singrava.<sup>7</sup> Chegou à Ilha da Madeira,<sup>8</sup> do Rei de Portugal, distanciada de Lisboa cerca de 600 milhas, onde fez demora de 15 dias para se premunir de refrescos<sup>9</sup> e de vinho, que

fe per quel Regno; & fù seguita da vn Patacchio (che è legnetto picciolo) a cui diede continuo buona conferua, porgendoli aiuto, & guidandolo co' lumi la notte, affine che non ismarriffe il camino ch'ella teneua. Arriuò all'Isola di Madera del Re di Portogallo lontano da Lisbona d'intorno à 600. miglia, oue dimorò 15. giorni per fornirsi di rinfresca-

XVI, a grafia *Lopez* do texto original com o *z* etimológico, que era a correcta para os patronímicos no tempo em que a pronúncia do *s* medial se diferenciava da do *z*.

*Lopez* formou-se do latim *Lupus*, ainda talvez em tempos prè-literários, com o sufixo abjectival *-ici*, que na origem denotava filiação. Êste sufixo evoluiu sucessivamente para *-izi*, *-iz*, *-ez*, e *-es* quando a pronúncia do *s* se confundiu com a do *z*.

Assim, \**Lupici* > *Lopizi* > *Lopiz* > *Lopez* > *Lopes* designava originariamente o filho de um indivíduo chamado Lopo. E o mesmo sucedia com os patronímicos Henriques, filho de Henrique; Vasques, filho de Vasco; Alvares, filho de Alvaro; Domingues, filho de Domingo, etc..

Mais tarde, os patronímicos passaram a usar-se como apelidos, e, então, quem se chamasse Lopes ou Gonçalves poderia não ser filho, respectivamente, nem de um Lopo, nem de um Gonçal(v)lo (Vide D.<sup>or</sup> J. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, Lisboa, 1926, págs. 172 a 182).

<sup>2</sup> Variando a extensão da milha de povo para povo, especifica-se:

— «24 *milliaria Italica*», na pág. 1 de:

— *REGNUM CONGO* hoc est *VERA DESCRIPTIO REGNI AFRICANI, QUOD TAM AB INCOLIS QUAM LUSITANIS CONGUS APPELLATUR. per PHILIPPUM PIGAFETTAM, olim ex EDOARDI LOPEZ acroamatis lingua Italica excerpta; nunc Latio sermone donata ab AUGUST. CASSIOD. REINIO. Iconibus & imaginibus rerum memorabilium quasi viuis, opera & industria Ioan. Theodori & Ioan. Israelis de Bry fratrum, &c. exornata. Francofurti. Excudebat Wolfgangus Richter, impensis Io. Theo. & Io. Israel. de Bry, frat. MDXCVIII.*

Igualmente se individua: — «24 *milles italiens*», na pág. 15 de:

— *LE CONGO. La véridique description du royaume africain,*

em grandíssima cópia nasce naquela Ilha, e talvez do melhor do mundo <sup>10</sup> (exportando-se para diversas regiões, principalmente para Inglaterra), <sup>11</sup> e de várias conservas <sup>12</sup> e confeitos <sup>13</sup> de açúcar, que ali muitos e por excelência se fabricam. <sup>14</sup> Desferraram depois daquela Ilha, deixando as Canárias, todas pertinentes a Castela, e aportaram a uma Ilha,

menti, & di vino, che in grandissima copia nasce in quell'Isola, & forse de migliori del mondo (conducendosene fuori in diuerse contrade, & massimamente in Inghilterra) & d'altre confetture, & conditi di zuccaro, che iui molti, & per eccellenza si lauorano. Sciolsero da quell'Isola poi, lasciando le Canarie tutte pertinenti alla Castiglia, & pre-

---

appelé, tant par les indigènes que par les Portugais, le Congo, telle qu'elle a été tirée récemment des explorations d'EDOUARD LOPEZ, par PHILIPPE PIGAFETTA, qui l'a mise en langue italienne. Traduite pour la première fois en français sur l'édition latine faite par les frères De Bry, en 1598, d'après les voyages portugais et notamment celui d'Edouard Lopez, en 1578, avec trois cartes géographiques, par LEON CAHUN, Bibliothécaire de la Bibliothèque Mazarine. Bruxelles. J.-J. Gay, libraire-éditeur. 1883.

<sup>3</sup> A cidade de S. Paulo de Luanda foi fundada no dia de conversão de S. Paulo, 25 de Janeiro de 1576, por Paulo Dias de Novais, neto do grande navegador Bartolomeu Dias de Novais o primeiro que no século XV dobrou o Cabo Tormentoso ou de Boa Esperança. (Vide Padre Manuel Ruela Pombo, *Paulo Dias de Novais e a fundação de Luanda*, Luanda, 1926-1927, pág. 18; e *Doação do Reino-de-Angola a Paulo Dias de Novais, seus herdeiros e sucessores* — Livro 26 da Chancelaria de D. Sebastião, fls. 295-299 — in *opere citato*, pág. 38).

<sup>4</sup> Também chamado pelos Portugueses Reino de Manicongo (= *Muene-Congo*: Rei de Congo. — *Muene*: senhor, dono, proprietário ou possuidor — (J. D. Cordeiro da Matta, *Ensaio de Dicionario Kimbundu-Portuguez*, Lisboa, 1893). Dá-nos disso um exemplo no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende (1516, fl. CCIII), o trovador Anrique da Mota, que *fala com a ssua negra* [escrava], dizendo:

«Oo perra de maniconguo  
tu emtornaste este vynho  
hũa posta de touçinho  
tey de guastar nesse lombo.»

Traduzimos *naue* por *nau* em sentido genérico.

das do Cabo Verde, sem contudo o avistarem,<sup>15</sup> denominada Santo António,<sup>16</sup> e dali dirigiram-se a uma outra, dita Sant'Iago,<sup>17</sup> que comanda todas as mais, na qual está o Bispo e o Capelão<sup>18</sup> que as regem, e onde se proveram de vitualhas. Não vem agora a propósito narrar o número das Ilhas Canárias, que são muitas,<sup>19</sup> nem tão pouco fazer menção das

fero porto ad vn'Isola di quelle di capo Verde, fenza però hauere di lui vista, nomata S. Antonio, & d'indi ad vn'altra detta S. Giacopo, che cōmanda a tutte quell'altre, & vi sta il Vescouo, & il Cappellano che le reggono, oue si prouiddero di vittuaglie. Qui non pare al proposito di narrare il numero dell'Isola Canarie che sono molte, ne an-

<sup>6</sup> *REGNUM CONGO* (versão latina) suprime a frase: — «*porgendoli ainto*», pag. 1.

*LE CONGO* (versão francesa, feita pela latina) evidentemente que não pode incluir a dita frase, pág. 16.

<sup>7</sup> *LE CONGO* (versão francesa, feita pela latina) pretere o lugar correspondente a: — «*affine che non ismarrisse il camino ch'ella tenuea*», pág. 16.

<sup>8</sup> João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira descobriram em 1420

«..... a grande ilha da Madeira  
Que do muito arvoredo assi se chama,  
Das que nos poucoamos, a primeira  
Mais celebre por nome, que por fama».

(*Os Lusíadas*, V, 5.)

João Gonçalves Zarco «pediu a capitania daquela ilha ao senhor infante, dizendo que iria para ali com sua mulher e família, e a povoaria. Agradou isto ao senhor infante, e preparou caravelas mandando vacas, porcos, ovelhas e outros animais domésticos, e foram desembarcar ao ... lugar de Funchal... fazendo logo casas com ramos das árvores e colmo, porque toda a ilha estava cheia de feno e árvores, e de folhas que caíam das árvores...

«Porém desejando o cavaleiro saber a qualidade da terra que estava sob o feno e as folhas de árvore, se era fértil ou estéril, incendiaram feno e folhas que estavam pelo chão.

«Cresceu o fogo, e de tal sorte se fez grande, que as casas com tudo o que tinham arderam. Homens e mulheres não tinham outro remédio senão meter-se em água até ao pescoço, e ainda assim julgavam morrer queimadas. E deram ao rio onde assim estiveram o

do Cabo Verde, nem produzir no entretanto a história dos seus lugares, aspirando ao Reino de Congo, e detendo-se aquela nau apenas de passagem, e máximè não faltando relações e histórias assaz, que tratam particularmente daquelas regiões.<sup>20</sup> Direi só que estas Ilhas do Cabo Verde foram por Ptolomeu arrumadas ao princípio do Ocidente, nas tábuas da

co far mentione di quelle \* di Capo Verde, ne produrre nel mezzo l'istoria de' fiti loro, aspirando al Regno di Congo, & fermandosi quella, naue per | passagio solamente, & mafsime non mancando relationi, & historie affai, le quali rendono in particolarità conto di quelle regioni. Solo dirò che queste Isole di Capo Verde furono da Tolemeo stabilite per lo principio dell'Occidente nelle tauole della sua

| pág. 2

\* sic.

nome de Ribeira dos Socorridos. E assim ficaram ali na ilha sem alimentos até que o senhor infante lhes mandou os precisos; e entrementes comiam aves, de que há ali enorme quantidade; e também peixes do mar que pescavam, de que também ali se encontra grande abundância. E é verdade que a multidão das aves era tamanha aí, que se algum homem ou mulher levava um cajado ao ombro, pombos e corvos pousavam nêle, e podiam ser apanhados à mão. E dizem que durante nove anos a ilha ardeu sempre, porque o fogo era impossível de apagar por causa da grande massa de folhas, que por tanto tempo se tinha acumulado.» (Diogo Gomes, *As relações do descobrimento da Guiné e das ilhas dos Açores, Madeira e Cabo Verde*. Versão do latim por Gabriel Pereira, in «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», 17.<sup>a</sup> série — 1898-1899 — N.º 5, Lisboa, 1900, págs. 290 a 291).

<sup>9</sup> *Refresco* ou *refrescamento*: as vitualhas frescas e a água de que se proveem, quando chegam aos portos, os que andam embarcados. (Vide António de Moraes Silva, *Diccionario da lingua Portuguesa*).

<sup>10</sup> Efectivamente, o passo seguinte de outra obra, escrita em 1590, proclama também que: — «O vinho malvasia [da Ilha da Madeira] he o melhor que se acha no universo, e se leva para a India, e para muitas partes do mundo.» (Doutor Gaspar Fructuoso, *As Saudades da Terra. História das Ilhas do Porto-Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*. Manuscrito do seculo XVI, anotado por Alvaro Rodrigues de Azevedo, Funchal, 1873, pág. 113).

Porém, «os generosos vinhos da Madeira não se cifram no Malvasia; tem outros de subida estima: o *sercial*, que é reputado superior; o *boal*, o *bastardo*, o *afamado tinto*, o *seco*, todos de vidonhos

sua Geografia, ensembra com o Promontório por êle designado Corno Hespérico<sup>21</sup> e as Ilhas Macárias,<sup>22</sup> isto é, felizes, que nós dizemos Fortunadas,<sup>23</sup> e que os Portugueses ali desembarcam<sup>24</sup> e por aqueles lugares traficam com diversas cousas, a saber: continhas de cristalino coloridas e outros brincos ali daquelas gentes muito estimados, telas de Holanda, carapuças,<sup>25</sup>

Geografia, infieme col capo chiamato da lui Corno vltimo, & quelle Isole Macarie, cioè beate, che noi diciamo Fortunate, & che li Portoghesi vi smontano, & in quelle contrade traficano con diuerse robbe, come pallotte di vetro di varij colori, & altre cofeta li molto amate da quelle genti, & tele di Olanda, & berrette, & coltelli, &

---

diversos do Malvasia», (Alvaro Rodrigues de Azevedo, *Notas das Saudades da terra*, Funchal, 1873, pág. 707).

*REGNUM CONGO* (versão latina) não frisa que o vinho da Madeira é talvez do melhor *do mundo*, pág. 1.

*LE CONGO* (versão francesa, feita pela latina) idem, pág. 16.

<sup>11</sup> Em Inglaterra — informa-nos Paulo Perestrello da Camara — tão apreciados eram entre os grandes os vinhos generosos da Madeira, que, em 1478, o Plantageneta Duque de Clarence, que o Parlamento condenara à morte por traição ao rei, escolheu afogar-se em um tonel de malvasia. (*Breve noticia sobre a Ilha da Madeira*, Lisboa, 1841, pág. 83).

No começo do século passado ainda a Inglaterra importava para o seu consumo 6.000 pipas de vinho da Madeira. Depois, com a introdução das modas do Xerez, do Porto e dos Vinhos Franceses, foi baixando muito aquele número. (Idem, *ibidem*, pág. 75).

<sup>12</sup> Doces de fruta (*confetture*).

Vasco da Gama, quando foi descobrir o caminho marítimo para a Índia, levava a bordo *conservas de fruta* da Ilha da Madeira «para dar aos Reys e Senhores de que recebesse bom gasalhado» (João de Barros, *Decada I*, livro IV, capítulo III).

<sup>13</sup> Bolos. Antigamente os bolos chamavam-se *confeitos*, de que derivou a palavra *confeitaria*. (Vide *Vocabolario degli accademici della Crusca*, Firenze, quinta impressione, sub verbis: «condito», «candito» e «confetto»).

O Infante D. Henrique mandou vir da Sícilia as primeiras canas de açúcar plantadas na Ilha da Madeira e, com elas, os mestres que ensinaram os Portugueses a fabricar o açúcar. (Vide Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de situ orbis*, edição crítica anotada por Augusto Epiphanyo da Silva Dias, Lisboa 1905, livro I, capítulo 33.º, pág. 98).

facas e panos de côres;<sup>26</sup> recebem delas em troca escravos, cera, mel e outros mantimentos, bem como telas de algodão de côres diferentes.<sup>27</sup> Em face, para os lados de terra, estão as paisagens e as ribeiras de Guiné e do Cabo Verde, e a Serra Leoa, isto é, montanha *Leona*, grandíssima e muito célebre.<sup>28</sup> Da aludida Ilha de Sant'Iago endireitaram a proa em direcção ao Brasil,

panni colorati; di esse riportano in iscambio schiaui, cera, mele, & altri alimenti, tele di bambagia di colori differenti. Oltre acìò al dirimpetto fra terra fono li paesi, & le fiumane della Guinea, & di Capo Verde, & la Sierra Liona, cioè montagna Leona grandissima, & molto celebre. Dall'Isola predetta di Santo Giacopo dirizzarono la

---

«Com a maior producção, este genero barateou um tanto; do que proveio outra industria secundaria... a *confeitaria*. O assucar passou então de droga medicinal a ser tambem *género de luxo*, consumindo nos banquetes, saráus, e festas das classes opulentas, em *conservas* de varios fructos, e em *confeitos*.» (Alvaro Rodrigues de Azevedo, *Notas das «Saudades da terra»*, pág. 654).

<sup>14</sup> Sobre as excelências de fabrico de guloseimas na Ilha da Madeira, subministra-nos o Doutor Gaspar Fructuoso em *As Saudades da terra*, pág. 189, testemunho iniludível ao relatar-nos que o terceiro capitão da mesma Ilha, Simão Gonçalves da Câmara, o Magnífico, cuja renda, tirante a do Duque de Bragança e a do Mestre de Sant'Iago, era a maior de Portugal, «tão generoso foi que, tendo seu filho Manoel de Noronha, Bispo de Lamego, em Roma, o qual servia de Secretario do Papa Leão X, despachou da Ilha hum criado seu, por nome *João de Leiria*, homem mui honrado, prudente e gentil-homem, e o mandou a Roma visitar o Papa com um grande serviço, que, alem de hum cavallo persio de muito preço, que levava de cabresto hum mourisco muito gentil homem e alto de corpo, vestido em huma marlota de giões de seda, levou mais muitos mimos e brincos da ilha de conservas, e o Sacro Palacio todo feito de assucar, e os Cardiais todos feitos de alfenim, dourados a partes, o que lhes dava muita graça, e feitos de estatura de hum homem. E tudo foi metido em caixas, embrulhado em algodão, com que foram mui seguros e sem quebrar até dentro a Roma: cousa que, por ser a primeira que desta sorte ali se vio, a estimou muito o Papa, e cada huma peça per si foi vista pelos Cardiais e Senhores Romanos, sendo presente o Papa, que louvava muito o artificio, por ser feito de assucar; e muito mais louvava o Capitam, que tal lhe mandou, largando muitas palavras perante todos em louvor delle».

devendo-se proceder assim para ganhar o vento, e com paragem<sup>29</sup> conveniente aos tempos que reinam por aquelas estanças, para chegarem ao termo da sua viagem. Duas são as vias, pelas quais se navega, da Ilha de Sant'Iago a Luanda, porto do Reino de Congo: uma faz-se pela costa de África, outra pelo alto Oceano, alargando-se com o vento de Tramon-

proda in verso il Brefil, cofi douendofi fare per guadagnar il vento, & con paraggio conueneuole a tempi che regnano in quelle stagioni, per giungere alla fine del viaggio loro. Due sono le vie per le quali si nauiga dall'Isola di San Giacopo a Loanda porto del Regno di Congo, l'vna fassi per la costa dell'Africa, l'altra per l'alto Oceano, allargandofi col vento di Tramontana, che in quelli mesi

*REGNUM CONGO* (versão latina) omite todo o passo relativo a conservas e confeitos de açúcar, pág. 1.

*LE CONGO* (versão francesa, feita pela latina), idem, pág. 16.

<sup>15</sup> Das Ilhas do Cabo Verde não se pode ter vista do Cabo homónimo, de certo, porque lhe ficam a cem léguas de distância, mas lemos esta interpretação: — «*Leaving Madeira and passing by the Canaries, all belonging to Castile, he went into harbour in one of the Cape Verde Islands, called S. Antonio, which was not seen till they came upon it.*», na pág. 5 de:

— *A REPORT OF THE KINGDOM OF CONGO, AND OF THE SURROUNDING COUNTRIES*; Drawn out of the Writings and Discourses of the Portuguese, *DUARTE LOPEZ*, by *FILIPPO PIGAFETTA*, in Rome, 1591. Newly Translated from the Italian, and Edited, with Explanatory Notes, by *MARGARITE HUTCHINSON*. With facsimiles of the Original Maps, and a Preface by Sir Thomas Fowell Buxton, Bart., F. R. G. S., etc., etc.

«There lies the Congo Kingdom, great and strong,  
Already led by us to Christian ways;  
Where flows Zaire, the river clear and long,  
A stream unseen by men of olden days.»

*The Lusiads*, V. 13.

London: John Murray, Albemarle Street, 1881.

<sup>16</sup> Ou *Antão* do arcaico *Antom*, derivado de *António* por intermédio de uma forma hipotética: *Antoni*'. (Vide D.<sup>or</sup> J. Leite de Vasconcelos, *Antroponimia portuguesa*, Lisboa, 1928, págs. 59 e 452).

tana, que naqueles meses assopra, quasi sempre chamado North<sup>30</sup> pelos Portugueses, pelos Castelhanos, pelos Franceses e por toda a gente do mar do Setentrião,<sup>31</sup> virando a proa ao Sul e Sudoeste,<sup>32</sup> a seguir àvante até perto do Cabo de Boa Esperança,<sup>33</sup> deixando atrás o Reino de Angola<sup>34</sup> para dever depois fazer-se àli de vela, chegando em altura de

spira, quasi sempre chamado North da Portughesi, & da Castigliani, & da' Francesi, & da tutte le genti del mare del Settentrione & volgendo la proda ad Oltro, & Garbino seguire auanti infin presso il Capo di Bona Speranza, lasciando adietro il Regno di Angola per douerui poi ritornare; & peruenendo all'altezza di 27. in 29. gradi di

---

Damião de Goes, ao referir-se a esta ilha, na *Chronica do principe D. Joam*, usa geralmente o nome *Antonio*.

Descobriu-a Diogo Afonso, em Janeiro de 1462. (Vide *Anuário colonial de 1917-1918*, Lisboa, 1920, pág. 284).

<sup>17</sup> A Ilha de Sant'Iago foi descoberta, com a de S. Filipe (Fogo), por Diogo Gomes e Antonio da Nolli, no 1.º de Maio de 1460, dia consagrado aos apóstolos Sant'Iago e S. Filipe, começando logo no ano seguinte a ser povoadas por casais do Algarve e por escravos negros, resgatados na costa de Guiné. (Vide Ernesto J. de C. E. Vasconcellos, *As Colónias Portuguesas*, Lisboa, 1921, pág. 18; e José Joaquim Lopes de Lima, *Ensaio sobre a statistica das possessões portuguezas*, Lisboa 1844, tomo I, pág. 104).

A verdadeira grafia do nome desta Ilha é *Sant'Iago* ou *Santiago*. Do latim *Iacobus* veio para o português *Iacobo* ou *Jacobo*, *Iacob* ou *Jacob* e *Iago*.

O Santiago (de Compostela) da invocação guerreira dos Espanhoes, cuja festa se celebra a 25 de Julho, é o «Maior», e o que se festeja no 1.º de Maio e que deu o nome à nossa Ilha de Sant'Iago do Cabo Verde é o «Menor», ambos, embora de diferentes famílias, foram contemporâneos de Jesus Cristo. (Vide António da Costa Leão, *Prontuário de Ortografia*, Lisboa, 1931, págs. 125 e 126, nota 16).

<sup>18</sup> *REGNUM CONGO* (versão latina) olvida: — «*il Cappellano*», pág. 1.

*LE CONGO* (versão francesa, feita pela latina) idem, pág. 16.

*A REPORT OF THE KINGDOM OF CONGO* (versão inglesa) traduz: — «*il Cappellano*» por «*Governor*», pág. 6.

<sup>19</sup> *LE CONGO* (versão francesa, feita pela latina). Não traz a equipolência da proposição: — «*che sono molte*», pág. 17.

<sup>20</sup> *LE CONGO* (versão francesa, feita pela latina) cala o passo

27 a 29 graus para além da Equinocial<sup>35</sup> no opósito ao nosso polo, que nesta escritura se nomeará Antártico, isto é, contra o Ártico que é o nosso Setentrião, e o Antártico o contrário para a banda do meio dia.<sup>36</sup>

Naquela altura, portanto, do adverso polo,<sup>37</sup> soem os navegantes encontrar ventos, que se apelidam gerais, reinantes em

la dall'Equinottiale all'opposito del nostro polo, che in questa scrittura nominerassi l'Antartico, cioè contra l'Artico, che è il nostro Settentrione, & l'Antartico il contrario ver mezo giorno.

In quell'altezza dunque dell'auerso polo fogliono li nauiganti incontrare venti che chiamano generali spiranti

---

equivalente a : — «fermandosi quella naue per passagio solamente, & massime non mancando relationi, & historie assai, le quali rendono in particolarità conto di quelle regioni», pág. 17.

<sup>21</sup> É o Cabo Verde. Ptolomeu, que redigiu a sua Geografia em grego no século II, chama ao Cabo Verde 'Εσπερίου Κέρασ ἄκρον, ou seja, *Promontório Corno Hespério, ou Corno do Ocidente* (livro IV, capítulo VI, tábua IV).

Sem embargo, lemos idêntica nomenclatura em escritores do século I:

Pompónio Mela, *De situ orbis*, livro III, capítulo IX : — «*Ipsae terrae promontorio, cui 'Εσπερίου Κέρασ nomen est, finiuntur*».

Plínio, *Naturalis Historia*, livro VI, capítulo 31 : — «*traditur et alia insula contra montem Atlantem, et ipsa Atlantis appellata, ab ea V dierum praenavigatione solitudines ad Aethiopas Hesperios et promunturium quod vocavimus Hesperu Ceras, inde primum circumagente se terrarum fronte in occasum ac mare Atlanticum. contra hoc quoque promunturium Gorgades insulae narrantur, Gorgonum quondam domus, bidui nauigatione distantes a continente, ut tradit Xenophon Lampsacenus. penetrauit in eas Hanno Poenorum imperator prodiditque hirta feminarum corpora, viros pernecitate evasisse; duarum Gorgadum cutes argumenti et miraculi gratia in Iunonis templo posuit, spectatas usque ad Carthaginem captam. ultra has etiamnum duae Hesperidum insulae narrantur, adeoque omnia circa hoc incerta sunt, ut Statius Sebosus a Gorgonum insulis praenavigatione Atlantis dierum XL ad Hesperidum insulas cursum prodiderit, ab his ad Hesperu Ceras unius.*»

Ocorre também em escritores latinos cujas obras são posteriores a Ptolomeu :

Solino, *Collectanea rerum memorabilium*, capítulo LVI : — «*Gor-*

quási todo o nosso estio, e chamados por êles, Nordest<sup>38</sup> e Nordeste, na sua maioria, que são entre nós, Italianos, os ventos do Grego<sup>39</sup> ao Levante, na Primavera, e que por aventura os Venezianos no seu idioma dizem *Leuantiere*,<sup>40</sup> e os Gregos e os Latinos denominam Etésios, isto é, que todos os anos ventam em determinada estação.

quasi tutta la nostra estate, & nomati da loro Nordest, & Nordeste, nel numero del più, che sono appo noi Italiani li venti dal Greco infino al Leuante della Primavera, che per auventura li Venetiani in suo idioma dicono Leuantiere, & li Greci & i Latini chiamano Etésij, cioè che ogn'anno soffiano a determinata stagione.

(Continua).

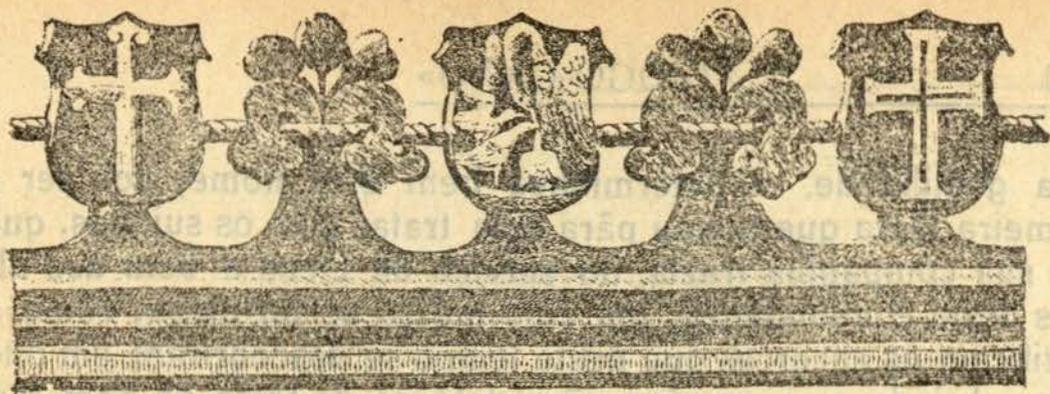
*gades insulae, ut accepimus, obversae sunt promunturio quod vocamus Hesperu ceras.»*

Marciano Capella, *De nuptiis Philologiae et Mercurii*, Livro VI, — *De Babylonia* — : — «Sunt & Gorgones insulae, obversae promontorio quod vocatur Hesperionceras.»

Notamos em inúmeras traduções latinas da Geografia de Ptolomeu, feitas durante o Renascimento, 'Εσπερίου Κέρας vertido ora por *Hesperu*, *Hesperij* ou *Hesperium Cornu*, ora por *Hesperu Ceras seu Cornu extrema*; e, nas duas, que conhecemos, italianas, da mesma época, por: *Cornu ultimo*. (Vide *La Geografia di Claudio Tolomeo Alessandrino*, novamente tradotta di greco in italiano, da Girolamo Ruscelli, Venetia, 1561, pág. 212; e *Geografia cioè descrizione universale della terra di Cl. Tolomeo*, dal latino nell'italiano tradotta dal R. D. Leonardo Cernoti Vinitiano, Venetia, 1598, fl. 35 verso).

Em português o topónimo 'Εσπερίου Κέρας está representado, posto que incompletamente, por *Hesperio*, *Hespero* ou *Hesperido Promontório*, lendo-se esta última forma em Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de situ orbis*, livro I, capítulo 28.º, pág. 83: — «Pois já temos escrito do cabo Verde, e como se antigamente chamou Esperido promontorio, asy deuenos escreuer das ilhas que cem leguoas em mar d'elle estam, as quaes tambem naquella antiguidade foram chamadas Esperidas, segundo diz Plinio na natural historia no seu sexto liuro, capitulo trinta e hum, e agora a principal d'ellas chamamos ilha de Sam Thiago; as quaes ilhas sam dez e mais dous grandes ilheos.»

O nome de 'Εσπερίου Κέρας fôra dado por Hannon, no século V antes da nossa era, ao golfo que o Oceano Atlântico forma com a costa de Africa entre os promontórios *Arsinarium* — Cabo Branco — e *Catharum* — Cabo Verde — (Vide *Hannonis carthaginiensium regis periplus* i n «*Geographiae veteris scriptores graeci minores*», Oxoniae,



Antônio de Oliveira da Cadornega

## História General

das

## Guerras Angolanas

Tômo primeiro

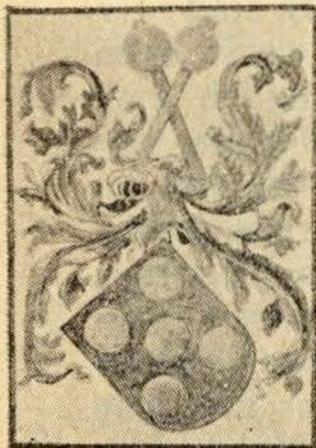
LUANDA — 1680

### PRIMEIRA PARTE

#### Capítulo primeiro

(Continuação da página 178)

7. — Fundação de Luanda. — O môro de Sam-Paulo. — A feitoria comercial. — P. P.



**S**ALTANDO EM TERRA, PAULO Dias de Novais se assenhoreou de um môro-alto sôbre o braço do mar, que mete pãra esta pãrte, a que pôs o nome de môro de Sam-Paulo, que, como êste Santo-Apóstolo foi chamado Doutor-das-Gentes pela muita prègação que fez em prègar a Fé de Nosso Senhor Jesus Cristo e êste novo conquistador ser do seu nome e vir instruir a Lei-Evangélica a

esta gentildade, — determinava bem êste nome, por ser a primeira terra que tomou pãra dela tratar com os sujeitos, que em sua companhia trazia, do serviço de Deus e bem das almas desta Ambundanza, em cujo môrro se fortificou, como o testificam os alicerces que neste tempo se descobriram, em dito sítio, abrindo-se uma cãva pãra defesa do fôrte de Sam-Miguel, que no dito môrro de Sam Paulo se tem feito ; e também ao pé dêle chamam o Padrão onde também o devia de pôr o nosso primeiro descobridor desta costa — Diogo Caão.

Também consta como nesta paragem se fabricou Cãsa a Deus, em que os reverendos Padres da Companhia, primeiros lavradores desta Seãra-Evangélica, tiveram primeiro seu Colégio, como também o verifica os vestígios dêle.

Tendo êste esforçado Conquistador tomado êste assênto, e ter feito na Marinha fortificação pãra a guãrda dos navios, deixando em tudo guarnição de gente e Infantaria, tratou da conquista dêste Reino-de-Angola a que vinha, saíndo da vila de Luanda, que êste nome teve de seu princípio e primeiro fundamento, e de Luanda pelo mal que havia dado aos desta Companhia com a corrupção das gengivas, por onde lhe foi chamado **Mal-de-Luanda** ; e não serviu êste pôrto muito tempo mais que de guãrda de uma **Feitoria**, porquanto os Governadores, que vieram naqueles primeiros tempos, se metiam pela terra dentro à Conquista dêste Reino, até que vieram a fazer assênto em dita vila, ficando sendo cabeça de tôda esta Etiópia e dos Reinos conquistados.

ALTANDO EM TERRA PAULO  
 Das de Novas se assestou  
 de um môrro alto sobre o prço do mar  
 que mole pãra esta pãra, a que pôs o  
 nome de sítio de Sam Paulo que como  
 este Santo Apóstolo foi chamado Doutor  
 das Gentes pela muita prgação que fez  
 em prgar a Fé de Nosso Senhor Jesus  
 Cristo e este novo conquistador ser do seu  
 nome e vir instruir a Lei-Evangélica a



## Capítulo segundo

### Paulo Dias de Novais dá princípio

#### à Conquista de Angola — Ori-

#### gem do Reino e Reis de Angola

#### — A casa-real — Ritos e costu-

#### mes gentílicos

8. — Os limites ou extensão do Reino-de-Angola. — *P. P.*

Saído que foi à campanha o nosso primeiro conquistador, começou a ir fazendo conquista pela terra dentro, principiando logo daquele sítio a ir tendo grandes encontros e pelejas com sobas vassallos do Rei-de-Angola, (com Casangida-Ensaca foram os primeiros encontros), que desta paragem começavam os limites de seu poderoso Reino; e, pãra intelligência desta História, diremos primeiro o que comprehende êste Reino, seu domínio, terras e vassallos e tocaremos alguma coisa de seus costúmes e do tráto de seu estádo:

Êste Rei-de-Angola chamado pelo antigo Gola-Aquilo-ange, dizem algumas antigualhas ou negros noticiosos, procedera de um ferreiro, que êste gentio chama na sua língua *gangola* e é coisa que se não pode muito duvidar, porque entre êste gentio é ofício muito estimado, e com êle se adquire muitos escravos e fazenda, por ser o mais necessário pãra as suas lavouras, fazendo enxadas, a que êles na sua língua chamam *temos* e são da feição dos sachos das nossas hortas de Portugal, mas mais grandes; fazem também podões, que lhe servem pãra as rôças dos matos, e fouces roçadoiras pãra alimpar os *zungais* e ervagem que nascem nas terras alagadiças, de

que usam muito pãra semear tabaco, a que chamam *macaia*, e mais plântas das coisas desta terra. de que se sustentam os que são dados à lavoura, que outros não tratam disso mais que viverem nos matos, como bestas feras, sustentando-se de cãça e sevandijas dela ; fazem também facas e machadinhas, frechas, azagaias e pontaletes, que servem de suas ármãs e defesa, com o que se adquire muito com êste ofício ; é também dêste gentio tido em boa opinião pelo lucro que adquirem com êle, imitando êste gentio a má fama que, dizem algumas histórias, tivera ofício baixo, sendo arrieiro, andando léguas : é êste Rei-de-Angola ; procedendo de um ferreiro, fica em grau mais sublime ; que muitos Senhores e Cavaleiros, imitando também Vulcano, aprendem ofícios semelhantes, supondo o que lhe virá a suceder com o que ocultem a sua fidalguia e nobreza.

Os limites e demarcações dêste Reino-de-Angola é muito estendido e dilatado, porque, conforme notícias, começava na Ilha-de-Luanda, frente ao pôrto e cidade de Sam-Paulo de Luanda, em que o testifica ser assim umas árvores que nêle ainda hoje se vêem, chamadas *ensandeiras*, em que falam e apontam os Roteitos dos Mareantes, como balizas e sinais por onde dão, aos que navegam, o conhecimento dêste pôrto, costa e terra : estas tais árvores, que são mui duráveis em sua plânta, e nascem por si de suas estãcas e semente, acha-se por tradição, foram mandadas plantar pelos Reis antigos de Angola como sinais certos dos limites do seu Reino ; e sua demarcação de terra firme, onde hoje está a nossa cidade, vai correndo pelo sertão dentro, compreendendo muitas províncias desta nossa banda do famoso río Quanza, que chamam da Ilamba ; começa a província que tem o mesmo apelido de Ilamba.

9. — Províncias. — Comarcas. — Sòbaços. — P. P.

A província do Lumbo é confinante à comarca e distrito da Vila da Vitória de Maçangano, que é outra grande província pelos fidalgos sobas que tem, com muitas dilatadas terras e vassallos ; os do Musseque é o que compreende a fortaleza, presídio e capitania de Cambambe, de fidalgos sobas de grande terra e vassallos, os quais se dividem

em dois apelidos — de Musseque e Gango ; a fortaleza, presidio e capitania de Ambaca, de numeroso gentio e sobas fidalgos, que comprehende sua comarca mais que uma grande provincia ; a fortaleza das Pedras que é um reino, onde se comprehende a provincia de Ari ; a de Umba que é onde chamam Aquituxile, entrando Cabaça que era a côrte e assênto dêste poderoso Rei de Angola, indo por diante as ilhas de Quindenga e outras terras de quantidade de vassallos até o Reino de Matamba, com quem confina suas terras de que depois a Rainha Ginga se senhoreou e conquistou, tendo entrado nele primeiro as armas e conquista dos Portuguezes, como ao diante se dirá, quando chegarmos com esta História ao govêrno de Luís Mendes de Vasconcelos ; do nascente começava êste grande Reino seus limites do rio chamado Zenza, onde fazia sua demarcação com o Reino-de-Congo e comprehendia até o poente, passando o rio Quanza, a provincia de Quiçama até o mar e provincia do Lubolo, que tudo a este Rei-de-Angola era tributário, reconhecendo-o por seu rei e senhor.

10. — Fidalgos e ministros reais. — P. P.

Os seus costúmes de idólatras, seguindo os ritos gentílicos na invocação do Diabo, rendendo-lhe adoração e obséquios como a seu deus, adorando ídolos de sua invocação, impetrando seus diabólicos favores pãra remédio de suas enfermidades com tôda a disformidável de sua gentildade, de que era Rei e Senhor, tendo a sua côrte, como dito é, em o sítio de Cabaça, onde era assistido dos grandes de seu Reino, tendo seus officios honoríficos repartidos pelos mais principaes, como era :

o cargo de Angola-Ambole, que valia como capitão geral de tôda a gente de guerra de seu Reino e mais capitães e officiais para êste mistér ;

e seu *tendala* que governava tôdas as suas terras e o político de seu Reino, se assim se pode chamar, com muitos *macotas*, que eram os assistentes ou camaristas pãra o conselho de paz e guerra, onde se resolviam em presença do Rei as coisas de razão de estádo ;

tendo seu *muene-lumbo*, por quem corria todo o consêrto de sua cása e côrte, tendo o cuidádo de guardar o mais precioso e coisas de mais estima do que possuía seu Rei e Senhor ; e tudo o que era consêrto de cásas e muros corriam por sua cõnta ;

outro que chamavam *muene-mosete*, era o que guardava as coisas de vestir do Rei, em os seus *mõsetes*, que servem de caixas, feitos de cáscas de palmeira ou de outra matéria semelhante, o que fazem com consêrto que parecem vistosos, e vinha isto a ser como sua guárda-roupa ;

*muene-quisola* — era o que tinha cõnta e cuidádo de dar ordem ao comêr com que havia de banquetear todos os dias os seus creádos assistentes, que era coisa numerosa o comêr que havia mistér pâra tantos convidados, que lhes servia de sustênto, o que estava posto em úso, e esta sua dignidade é que o repartia ou mandava repartir ;

tinha muitos outros cargos, que, por não enfastiar tanto o Leitor e Curioso, os não relata o Autor desta História.

11. — Vida doméstica. — Poligamia. — Família real. — P. P.

Todo o numeroso gentio que êste Reino-de-Angola possuía — os mais dêles eram de nação Ambunda, e tam confiados em serem entendidos que, quando queriam gabar algum branco de entendido, diziam que sabiam tanto como um Ambundo ; todos seus vassallos se dividiam em dois gêneros :

um a que chamavam filhos de *muxinda*, que eram tidos por vassallos ;

e os filhos de *quigico* ou péças, que eram os que tinham apanhado nas guerras, e pâra o Rei todos eram suas péças e reputados por êsses e até os de seu próprio sangue.

Havia rei dêstes que tinha 300 concubinas, porque se prezavam os seus fidalgos sobas poderosos terem suas filhas por mulheres do Rei, pâra o que mandavam das mais geitosas à sua côrte com grande aparato, elas mui bem tratadas e vestidas a seu modo, em rêde a cavalo, com serventes pâra

as servirem e, em cima, com boas dádivas de peças e outras coisas de valor, as quais tôdas mandava acomodar dentro de seus muros em casas separadas, cada uma com o estado de serventes e mais coisas que traziam para seu serviço de casa de seus pais ; e, se tinha notícia que algum de seus sobas tinham filha formosa, lha mandava pedir, e elles o tinham por honra singular e lhas mandavam logo com toda a pompa, muito bem ataviadas, com grande acompanhamento e muita matinada de festêjo.

12. — O herdeiro do trono real. — P. P.

E por não haver confusão na muita filharada que tinham, procedia em o Reinado o filho da *embala himenique*, que era a sua mulher principal, e secundariamente o filho da segunda mulher chamada *samba-ensila* ; os mais filhos tinham o seu logar como filhos do Rei e os acomodava com *libatas* e terras para seu sustento ; e as que eram fêmeas, tinham por grande honra os seus maiores fidalgos, a quem elle as dava por mulheres, e às que entravam de seus muros para dentro, que tinham o nome de sua mulher ou concubina, era pena de morte para aquelle seu vassallo que com alguma se embarcava : elle perdia a vida, ella ficava repudiada e a mandava para casa de seu pai cuja filha era, perdendo o dote com que tinha entrado, e ainda sobre isso pagava o pai as custas, mandando peças ao Rei para apagar aquella nodoa e estar em graças do Rei.

13. — A origem da Dinastia Ginga. — P. P.

Sucedeu mandar um vassallo destes seus ao último rei dos antigos chamado Gole-Aquiloange uma filha ou dama de sua casa com um presente e afeiçoar-se-lhe o Rei de qualidade, por ella ser muito formosa, que a pediu ao soba, e elle teve por arbítrio pedir-lha, e poderia ser que por isso a mandasse levar o presente ; foi tanta a afeição e amor que

aquele Rei lhe teve que a preferiu a tôdas as mais concubinas, fazendo-a sua mulher principal, em a qual houve um filho, que lhe sucedeu no Reino, chamado Gola-Ambande, e três filhas; nomeá-las-emos pelo nome verdadeiro do baptismo, pois tôdas estas três infantas o tomaram: a mais velha foi seu apelido dona Ana de Sousa, e pelo da terra Ginga, a do meio se chamou dona-Grácia e pelo da terra Quifange, e a mais moça dona Bárbara e pelo nome da terra Mocambo; e, porque do Rei e das Infantas suas Irmãs se há-de tratar muito nesta História, principalmente de dona Ana, chamada Ginga, fez o Autor de elas e de este menção pãra intelligência desta História com brevidade, por não causar enfádo o modo e costúmes com que aqueles bárbaros e idólatras Reis se tratavam, e os ritos diabólicos que seguiam, estando neles contumazes e arraigados, sem haver quem por bem nem por mal os pudesse trazer ao grémio da Santa Igreja Católica e à sua Santa Fé antes cada vez mais obstinados em perfídia, até que no fim de tantas guerras e batálgas vieram a ter algum desengãno em ordem a terem conhecimento do Deus verdadeiro. Senhor dos céus e da terra, deixando muitos dêles a adoração de seus ídolos e suas idolatrias.

Vamos agora continuando com o nosso primeiro Conquistador, que temos dito, pãra intelligência desta História, o que parece que basta.

(Continua)



# MISCELÂNEA

— de —

apontamentos velhos e antigos

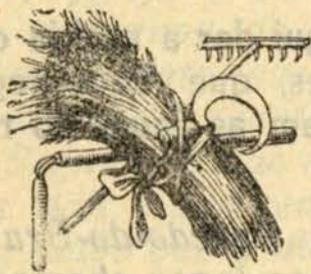
— impressões, comentários, crítica —

nótas à margem

&

novidades

## O nosso PROGRAMA



QUANDO TRACÁMOS O programa desta revistinha, era nossa intenção não fazer referência a factos posteriores a 13 de Setembro de 1845: em verdade, a História-de-Angola, desde essa dáta pãra cá, encontra-se, quási tôda, arquivada nas páginas do chamado *Boletim Oficial*.

No entanto, visto que são muito curiosas, e completamente incolores em política partidária, vamos aqui publicar mais outras impressões pessoais relativas ao Presídío de Muxima: ali exercemos... oficialmente o

cargo de pároco-missionário, de Maio de 1929 a Agosto de 1935.

Muxima, ainda hoje, desempenha, nas margens do rio Quanza, um papel verdadeiramente civilizador.

LISBOA. Janeiro/1934.

*Padre POMBO.*

### **Boletim Oficial**

Temos já na nossa modesta livraria um exemplar do Índice do *Boletim Oficial* da Província de Angola, que compreende os anos que decorrem desde 13 de Setembro de 1845 até o fim de 1862: é seu autor o dr. Luís António de Figueiredo, de quem há notícia no *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio-Brito Aranha, às páginas 340-341 do tomo XIII.

Com um outro exemplar deste Índice, vimos, no *Arquivo Histórico Colonial* da Junqueira, o *Reportório alfabético da legislação, ordens e diversos documentos*, do primeiro de Janeiro de 1863 até 11 de Março de 1866, em parte organizado pelo capitão José Cândido Loforte.

São obra ou trabalho da Imprensa do Governo, em Luanda.

*P. P.*

### **Os PEIXES do rio Quanza**

Porque é muito curiosa, vamos aqui dar a notícia ou número ou qualidade de peixes, que Cadornega aponta, e que ainda hoje vivem ou povoam as águas do rio Quanza:

— *Pouco distante deste sítio do Penedo-do-Bruto (actual Bom-Jesus), se vê uma caudalosa lagoa chamada do Gimbe e lhe dá este nome o soba e fidalgo deste apelido, senhor dela e de seu território, com esteiro caudaloso, por onde reparte a potência de suas águas este soberbo rio Quanza, que imos descrevendo, com o que é abundosa de suas imensas águas e de seu numerável peixe, como*

*são: peixes pratas, peixes-serras, robalos famosos, cações, choupas, pelados, linguádos, quantidade de cacussos, e quasi todo o peixe do mar que por este rio acima sobe, entrado por sua barra... —*

Cadornega também dá uma informação precisa a respeito do chamado peixe-mulher, e da cóbra-giboia.

P. P.

### **O alferes J. B. de Sampaio**

**N**a revista *Anais do Conselho Ultramarino*, parte não oficial, série segunda e página 56, está ou encontra-se publicado um relatório do alferes Sampaio, que era ajudante de ordens do Governador Pedro Alexandrino da Cunha, onde se fazem referências ao Presídio de Muxima, assim:

*— Finalmente, aportei ao Presídio de Muxima, pela uma hora da tarde do dia 7 de Dezembro de 1846, tendo passado às onze e meia pela denominada «Pedra-da-Joana». A fortaleza é um lindo ponto de vista para todos os lados e dêle se vê perfeitamente a lagoa do Quisua. Acho que esta fortaleza está bem situada, pela sua elevação e própria defesa do gentio, estando para isso perfeitamente artelhada...*

*As muralhas estão em perfeito estado...*

*A igreja é do mesmo gosto de architectura, pouco mais ou menos, da do Corpo-Santo; tem muitas alfaias de ouro e prata, que, não obstante serem de gosto antigo, são ricas pela quantidade de metal nelas empregado.*

*Segundo o que me informaram alguns Moradores antigos dali e que confirma o que já por tradição me constava, soube que a dita Igreja poderia possuir mais riquezas se não fôsse a má administração, que há muitos anos tem tido, porque sempre houve e ainda até hoje há grande Fé com a Imagem de Nossa Senhora da Conceição daquelle Presídio, tanto de pessoas de Luanda, como de todos os presidios e distritos e inclusivamente do gentio da Quiçama... —*

Do roubo das peças da lâmpada de prata trataram os Membros da Junta-de-Paróquia na sessão de 30 de Abril de 1848, como consta na respectiva acta.

No tempo de Cadornega, já o môrro da Joana assim se chamava, por ali ser a sanzala de Joana Gomes: actualmente, está deserto de gente, porque há ali na máta muita mosca infectada, que pega a doença-de-sono.

P. P.

### **O dr. Bettencourt, em 1867**

O juiz de direito Carlos Pacheco de Bettencourt esteve nos dias 8 e 9 de Agosto de 1867 em correição judicial no julgádo de Muxima, da comarca de Luanda.

No seu relatório impresso, de que possuímos um exemplar, dá a seguinte informação:

*— A igreja de Muxima não é má e é muito visitada por cristãos e gentios, que têm muita FÉ na Padroeira — Nossa Senhora da Conceição. O ângulo direito do adro assenta mesmo na aresta da ribanceira, de modo que a primeira chéia leva-lhe infalivelmente um bocado. Restam ainda vestígios de que houvera uma muralha, couraçando a margem. Hoje não se olha pára isso, e o resultado será, ou mais cedo ou mais tarde, acontecer à Igreja que venha parar em montão no leito do rio, salvo algum milagre da Senhora... —*

Em Setembro de 1932, com dinheiro obtido em subscrição pública pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Isabel Brandão de Melo, sob a direcção de técnicos da Direcção das Obras Públicas de Luanda, foram lançados, na margem do rio, perto ou mais de 300 metros cúbicos de pedras soltas, apenas travadas com estacaria e barrotes: o muro, já iniciado, em tôda a frente, garante a integridade da Igreja, que, como boa e antiga vizinha, estima e não... zomba do perigoso ou caudaloso rio Quanza.

Acreditamos piamente em milagres, graças a Deus!!!

P. P.



# «DIOGO-CAÃO»

---

(Continuação)

45)

## **O Município de Luanda (1918-1919)**

**Relatório Orçamental**

Pelo Dr. *Manuel Alves da Cúnha*

.....

Será uma iniciativa verdadeiramente patriótica, credora de todo o aplauso a que um dia resolvam tomar as municipalidades da Colónia, decidindo contribuir com os recursos dos seus orçamentos e intervir eficazmente na publicação das epopeias em prosa desta Província dos séculos XVI e XVII, bem como promover a publicação de quaisquer manuscritos do tesouro de seus arquivos, que possam trazer um subsídio interessante para a história, para o conhecimento das tradições gloriosas ou das épocas de recordações amargas de outros tempos.

Estão neste caso os três volumes da *História General das*

*Guerras Angolanas*, escrita por António de Oliveira de Cadornega em 1680-1681, que aqui residiu por mais de 40 anos.

Esta história abrange o período de grandeza máscula da conquista, feita pedaço a pedaço nos séculos XVI e XVII ; acompanha os valorosos conquistadores e fundadores da Colónia até à época (fins do século XVII) em que se acentua um novo período histórico de que vai beneficiar o enriquecimento do Brasil.

Espera ainda para ter a sua edição portuguesa uma obra interessante, de fins do século XVI, sobre o antigo império indígena de Congo, os povos vizinhos e geografia das regiões da Africa Central, coordenada e publicada por Filippo Pigafetta em Roma, em 1591, com o título de *Relatione del Regno di Congo*, segundo as narrações e informações de Duarte Lopes, viajante, explorador e mercante português que esteve no Congo no último quartel do século XVI ; d'este livro há várias traduções estrangeiras.

Há muito que estas duas obras reclamam ser editoradas, para poderem ser lidas, facilmente consultadas e vulgarizadas.

**Nóta do Padre POMBO** — A modestíssima revista *Diogo-Caão*, como vêem, meteu seus ombros corajosos a esta dupla empresa patriótica.

Lisboa, Abril/1934.

---